

Ele olhou para os lados e viu os companheiros amarrados em posições desordenadas.— Onde é...?— Aaahhhh!Um grito agonizante o fez estremecer. Ao virar, viu um companheiro sendo esquartejado vivo. A cena sangrenta quase o fez vomitar. Enjoado, desviou o olhar.— Chal! Você acordou? — perguntou a clériga ao lado, voz trêmula.— Onde estamos? — indagou Chal.— Na... cozinha deles. — Ela engoliu seco. — Eles vão nos matar logo. Pense em algo rápido! Você não domina magias de nível cristal?— Eu... — Chal hesitou, confessando: — Eu menti. Não sei magia nenhuma, zero.— O quê?! Você...— Rá rá! Que colheita farta! Onze humanos e uma gatinha! — Três goblins se aproximaram. Um deles agarrou o rosto da clériga e cheirou profundamente. — Que delícia...— Eca! — Ela recuou, horrorizada.Um goblin desengonçado se agachou diante dela, tímido:— Oi, moça... nós vamos... brincar de plantar cenoura com você. Você vai ficar bem ocupadinha, então... coopere, tá?— Não! Nunca! — Ela já chorava, desesperada.— Não é você quem decide! — O goblin riu. — Homens viram carne seca, mulheres nos divertem.— Posso... virar carne seca e deixar ela divertir vocês? — Chal gaguejou.— Chal?! O que você está dizendo?! — A clériga olhou para ele, incrédula.— Cale a boca! Ninguém quer brincar com um lixo como você! — Um goblin chutou Chal.— Vamos começar! — Os três se viraram para a clériga.— Não! Por favor, matem-me, mas não isso!— Esperem! — Chal gritou novamente.Os goblins olharam para ele. Chal, com dentes cerrados, disse:— Posso... participar? Podem me amarrar depois.Os goblins se entreolharam e disseram em uníssono:— Você é nojento.— Chal, seu lixo! Não tem um pingo de humanidade! — A clériga berrou.— Não quero morrer virgem! — Chal soluçou.— Tanto faz. — O goblin chutou sua cabeça.Quando se viraram para a clériga, ela fechou os olhos, resignada.Mas então, sangue quente respingou em seu rosto. Ao abrir os olhos, viu o jovem que acompanhava a draconiana atravessar a cabeça do goblin com sua espada.— Você está bem? — Aro perguntou.CAPÍTULO 37: MISSÃO CONCLUÍDA POR ACIDENTEA clériga o encarou, ainda sentindo o cheiro de sangue.— Obrigada... — Ela desabou no chão, soluçando.Aro olhou para a caldeira, onde Owen já havia liquidado os outros dois goblins.Ao soltarem os prisioneiros, viram que a maioria estava ileso, exceto por cinco feridos e dois que viraram "carne processada".— Achei que fosse morrer... — Chal riu, aliviado, segurando o peito. — Deve ser meu protagonismo...Antes que terminasse, a clériga o chutou nas costas e desferiu uma sarivada de golpes:— Seu lixo! Queria participar com os goblins? Seu verme nojento!— Mais um ferido — comentou Aro, observando o grupo.Os aventureiros resgatados pareciam traumatizados, sem vontade de ficar ali mais um segundo.— Obrigado por nos salvar... onde está a draconiana? — alguém perguntou.— Foi atraída para longe. Não sei onde está agora — respondeu Aro.Ele e Owen haviam seguido para os poços profundos, mas encontraram apenas túneis destruídos por explosões, sem sinal de Zexia.— Vamos resgatar a família do prefeito na prisão e sair daqui — propôs Aro, apresentando Owen. — Ele conhece o local e será nosso guia.Os aventureiros cumprimentaram o homem de armadura, impressionados com sua aura letal e equipamento especializado em matar goblins.Recuperaram seus equipamentos num canto da cozinha e partiram.Quando já haviam saído, um goblin entrou na cozinha.— Ei! Cadê o almoço? Não podem só brincar e esquecer da... — Ao ver os corpos e as cordas cortadas, gritou: — Irmãos, peguem as armas! O almoço fugiu!Uma horda de goblins saiu em perseguição, fazendo o chão tremer.Após a correria, uma pequena abertura na parede se moveu. Aro espiou e fechou rapidamente.— Está perigoso, a caverna tá cheia de goblins agora — ele virou-se para os companheiros amontoados na passagem estreita.— Eu conheço um outro caminho, mas vai ser bem mais longo — falou Owen.— Não temos escolha — Aloy olhou para ele. — Então contamos com você, Owen.O capacete em forma de coral de Owen virou-se, e uma voz abafada ecoou de dentro: — Deixa comigo.Assim que os goblins se afastaram, Owen os guiou por um desvio, empurrou uma pedra no caminho e revelou uma passagem onde só dava pra avançar agachado.O túnel inclinado descia. Depois de uns quinze minutos, saíram daquele corredor apertado.— Chegamos. Essa é a prisão dos goblins.O lugar era gelado e úmido, claramente nas profundezas. Sem luz, exceto por pedras luminescentes esparsas nas paredes. Fileiras de celas baixas, com grades, soltavam vento frio. A clériga olhou assustada para as celas escuras: — Alguém ainda pode estar vivo num lugar desses? — Não fala isso! Agora até eu tô com arrepios... — Falem baixo! E se os goblins ouvirem? Mal terminaram a frase, uma mão

ossuda agarrou o tornozelo da clériga. — AAAAAH! É UM FANTASMA! Ela chutou o ar, libertando-se, e saiu correndo em pânico. — CALA A BOCA! — Aloy a puxou com força, tapando sua boca com a mão. A clériga só fazia "mmph!", apontando desesperada para a cela. Todos recuaram. No chão, um braço seco como um galho pendeia entre as grades. Aloy se aproximou, iluminando com a pedra luminescente. A luz revelou um rosto envelhecido, barbudo, com olhos sem vida. — É o velho Mac? — Sou... eu... Finalmente... humanos... — a voz saiu como um sussurro rouco. A grade enferrujada não cedeu aos puxões. — Quem sabe Explosão Mágica? — Aloy varreu o grupo. Um goblin franzino levantou a mão tremendo. — Eu... eu sei um pouco... — Então tenta aí. O goblin assentiu, segurando o cajado: — Se afaste, vovô... — ele murmurou uma fórmula e apontou. BAAM! A porta entortou, abrindo espaço suficiente para rastejar. Puxaram o velho Mac para fora. — Cadê sua família? — perguntou Aloy.

<http://portnovel.com/book/14/1922>